



O REPETÍVEL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUMAS CONSTATAÇÕES PREOCUPANTES

FOGLIATTO, Naira Zimmermann Neves²; LABANDEIRA, Déborah M¹; LIMA Cléia Fatima de²; LINCK, Ieda Márcia Donati¹; PAQUERA, Marisa Conrado²; PROCÓPIO, Terezinha de Fátima Giester²; RIBEIRO, Thieli, Hinning²; SILVA Marcia Lima da²; SILVEIRA, Nadia Nubia Copatti²; SOUZA², Regina da Graça Silva de².

Palavras-chave: Reflexão. Formação. Mudanças. Transformação.

Neste texto, apresentamos os resultados de um trabalho desenvolvido de forma interdisciplinar no Curso de Letras da Universidade de Cruz Alta, Programa Parfor. Temos como base uma pesquisa feita nas escolas, em relação à metodologia utilizada no ensino de Língua Portuguesa, como suporte a uma prática que está por vir. Nosso aporte teórico sustenta-se em diversos autores, dentre os quais vale destacar: Althusser, Antunes, Bagno, Fiorin, Freire, Geraldi, Magda Soares, Mattoso, Orlandi, Tofani, Travaglia. Os resultados obtidos nos fazem refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa atual, analisar de forma ética e responsável a metodologia utilizada na prática cotidiana, repensar qual a língua a ser ensinada e por fim apresentar formas dinamizadas de ensinar Língua Portuguesa. Sua relevância está em nos colocar numa posição crítica em relação ao que não pode mais ocorrer no ensino de língua materna. Após muitas leituras, percebemos que há muitas discussões teóricas de como o ensino deveria ser, do que é importante ensinar, como se aprende, quais as mudanças que devem ocorrer. No entanto, pela observação feita *in loco*, de forma geral, as práticas tradicionais de ensino vêm se repetindo. Registramos, aqui, que antes de irmos a campo, buscamos uma fundamentação teórica que nos respaldasse a discutir essa temática, ou seja, nos sentimos autorizadas a analisar a discrepância entre como realmente ocorre e como deveria ocorrer o ensino de língua portuguesa. Vale ressaltar que não estamos avaliando o sujeito professor, mas a prática de ensino de língua nas escolas visitadas. Os resultados foram preocupantes, uma vez que todos os espaços analisados ainda evidenciam a língua padrão como única, a língua enquanto constitutiva do sujeito é desconsiderada; os alunos apresentam dificuldades na leitura e escrita, uma vez que essa prática é quase que inexistente; em muitas situações a gramática ensinada é a normativa, em frases isoladas, o que não contribui para o uso da mesma em situações reais; o texto ainda é usado como base ao ensino da gramática, do qual são retirados fragmentos para a análise morfosintática. Essa postura contraria as perspectivas de Geraldi no livro “O Texto em sala de Aula”, editado pela primeira vez ainda em 1984, um dos que serviram de base teórica para elaboração deste trabalho. Enfim, uma coisa é certa: o ensino de língua portuguesa deve ser repensado com urgência, iniciado pelas perguntas: Que língua ensinar? Por que ensinar a língua materna aos que a dominam no processo comunicativo? É preciso pensar questões pontuais, dentre elas o fato de que a criança, ao chegar à escola, já domina uma língua e que a instituição escolar vai oferecer uma modalidade a mais, e não a única a ser considerada. Ensinar língua portuguesa é refletir sobre o seu uso adequado e não mais mapear apenas a relação entre o certo e o errado. Infelizmente, assim como está, a escola continuará sendo um dos aparelhos ideológicos do Estado, como entende Althusser.

¹ Orientadoras. Docentes do Curso de Letras da Universidade de Cruz Alta. Programa Parfor/Capes

² Acadêmicas do 4º semestre de Letras da Universidade de Cruz Alta – Programa Parfor/ Capes.